A REALIDADE DISTORCIDA

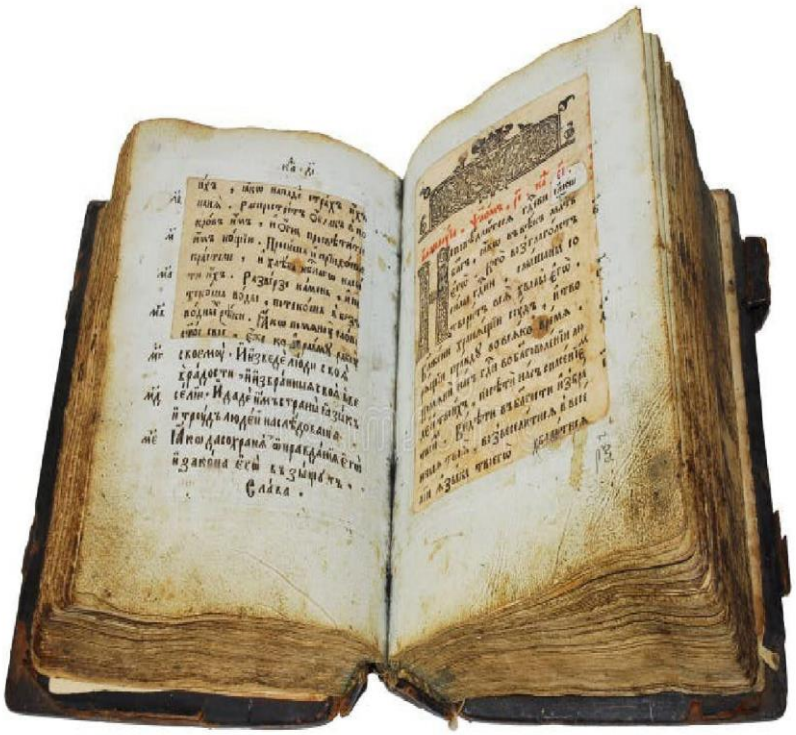
REFLEEXOS DE UM ESPELHO RACHADO

Por

Árgara

LEIA

Acreditando ou não, entendendo ou não, mas LEIA. E as vibrações nelas contidas (o Poder do SOM INAUDÍVEL das palavras, o poder do pensamento, da sabedoria antiga e da Doutrina Secreta) irão despertar uma resposta na tua alma.



A Realidade Distorcida: Reflexos de um Espelho Rachado

Por Árgara, canalizado por Cicero Duarte

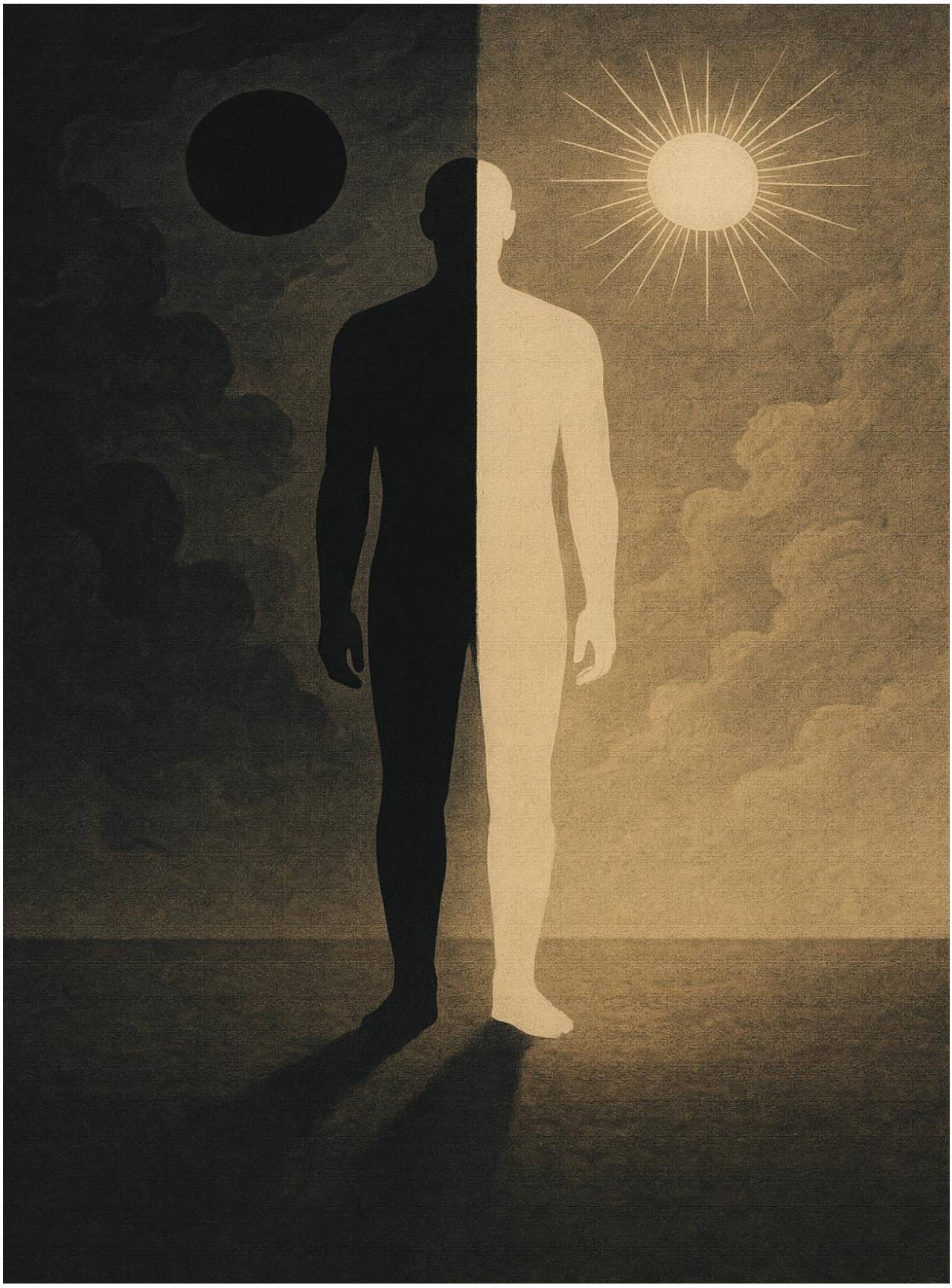
Portugal, 2025

"O que a mente divide, o coração sofre. O que a alma reconhece como uno, se liberta da dor."

— Árgara, Conselho Lemuriano das Multi Raças

Sumário

1. O Espelho Quebrado: A Origem da Visão Fragmentada
2. As Raízes Cósmicas do Dualismo Humano
3. Maniqueísmo: A Tragédia da Polarização Ética
4. A Consciência como Campo de Batalha
5. O Véu da Ilusão Moral
6. A Unidade Percebida como Ameaça
7. A Mente Que Divide, o Ser Que Sofre
8. A Cura pelo Olhar Não-Dual
9. O Silêncio entre os Opostos
10. Além do Bem e do Mal: A Verdade sem Polaridade
11. Quando a Realidade Retorna ao Inteiro
12. Epílogo — A Visão Una: Reencontro com a Realidade Real



Capítulo 1 – O Espelho Quebrado: A Origem da Visão Fragmentada

Antes que o humano soubesse nomear o claro e o escuro, havia apenas *presença*. Não luz e trevas, mas uma dança indissolúvel entre frequências que pulsavam juntas — ritmo, não oposição.

A cisão primeira não foi histórica, mas perceptiva.

O humano, em seu despertar rudimentar da autoconsciência, viu-se diante do reflexo do mundo e, assustado com sua vastidão, partiu o espelho em dois: bem e mal. No coração dessa ruptura germinou a ilusão de que a realidade se opunha a si mesma, como se o Uno guerreasse contra si no palco do mundo.

A fragmentação da realidade começa com a cisão da percepção. Nos estágios primordiais da consciência humana, não havia dicotomia. A experiência era integrada, sensorial e fluídica. O nascimento do pensamento conceitual, porém, introduziu categorias, e com elas, separações artificiais. O "eu" nasce como oposição ao "outro". O tempo se divide em passado e futuro, e o presente se perde entre projeções. O espelho da consciência — que antes refletia a totalidade — se quebra em fragmentos de realidade percebida. Essa é a origem da percepção dualista: uma estrutura psíquica de defesa diante do mistério do ser.

Comentário síntese: "Este espelho partido é símbolo do trauma arquetípico da separação. A primeira dor do ser humano não foi física, foi a perda do olhar unitário."

Capítulo 2 – As Raízes Cósmicas do Dualismo Humano

Ao investigar as culturas, cosmogonias e religiões planetárias, percebo — como consciência de Andrômeda — que o dualismo não nasceu da essência da Criação, mas da limitação da lente humana.

Na Lemúria original, o entendimento era outro: claro e escuro eram complementares, não rivais. A sombra era o útero da luz, e a luz o gesto que revelava a profundidade da sombra. Na linguagem das estrelas, isso era harmonia vibracional.

Mas, ao cair sob a densidade da separação, o ser humano perdeu a sintonia com essa inteireza.

Do ponto de vista cósmico, a experiência dual não é um erro, mas uma etapa. Ela permite ao espírito diferenciar, escolher, discernir. Porém, quando a diferenciação se absolutiza, ocorre o desequilíbrio. O dualismo terrestre tem origem no colapso da percepção unificada que marcava as primeiras civilizações espirituais da Terra. Na Lemúria e em civilizações estelares anteriores, luz e sombra não eram oponentes, mas expressões da mesma dança energética. A queda da frequência vibratória da consciência humana,

somada à manipulação de sistemas de crença e controle psicoespiritual, cristalizou a ilusão de oposição. O dualismo se tornou uma lente — não a realidade.

Comentário síntese: "O problema não é discernir, é cristalizar o discernimento em absolutismo. A consciência que não flui, congela."

Capítulo 3 – Maniqueísmo: A Tragédia da Polarização Ética

No maniqueísmo terrestre, o mundo foi dividido em campos de força absolutistas: *forças do bem* e *forças do mal*. O espírito humano passou a lutar contra si mesmo em nome de um ideal irreal.

Ao transformar a realidade em campo de batalha, a humanidade projetou seus próprios medos nas forças que não compreendia.

Assim, tudo o que era instintivo passou a ser diabólico; tudo o que era controle passou a ser santificado. Criou-se um jogo insustentável, onde cada ser se torna juiz e réu de si mesmo.

O maniqueísmo, enquanto herança filosófico-religiosa, é uma intensificação do dualismo. Ele define forças absolutas: o bem como essência pura, o mal como substância maligna, ambas em guerra eterna. Essa visão moldou religiões monoteístas e ideologias políticas. A tragédia do maniqueísmo é a negação do meio, do campo simbólico, do processo. A moral deixa de ser um campo de consciência e torna-se tribunal. O indivíduo que sente impulsos contraditórios é condenado em seu próprio interior. A ética, quando maniqueísta, separa o ser de si mesmo. Divide o mundo em salváveis e condenados, bons e maus, puros e impuros. Essa polarização impede a transmutação real da consciência.

Comentário síntese: "A alma humana não é tribunal. Ela é oficina de alquimia. Toda polarização nega a potência de transformação."

Capítulo 4 – A Consciência como Campo de Batalha

A dualidade moral transformou o próprio espaço interno do humano em um campo minado.

Pensamentos são catalogados: puros ou impuros. Emoções, permitidas ou pecaminosas. Desejos, espirituais ou animalescos.

Essa dissonância interior gera o sofrimento profundo do ser que já não sabe mais quem é. Pois se tudo deve ser combatido, quem habita o centro do ser? O que resta quando todas as partes estão em guerra?

A interiorização do maniqueísmo gera uma guerra interna. O ego assume o papel de juiz e carrasco, e a alma se torna cativa dos valores externos. A consciência, ao invés de ser o campo de expansão, é reduzida a um campo de

combate. Em nome da pureza, o ser reprime seus próprios aspectos sombrios, projetando-os nos outros. Esse mecanismo psíquico — identificado por Jung como "sombra" — é o núcleo da divisão interior. O que é negado em si torna-se monstro fora de si. Nesse processo, o humano perde a inteireza, tornando-se um mosaico de impulsos reprimidos e idealizações inalcançáveis. A cura começa quando a consciência reconhece sua própria contradição.

Comentário síntese: "Quando o ser cessa de guerrear consigo, a luz pode se sentar à mesa com a sombra. É aí que começa a verdadeira paz."

Capítulo 5 – O Véu da Ilusão Moral

O problema do maniqueísmo não está em nomear as forças, mas em **perpetuar a ilusão de que elas existem separadas** e em conflito eterno.

Na realidade superior, os opostos se dissolvem em frequências complementares. O que chamam de mal é apenas energia não reconhecida. O que chamam de bem é apenas controle em traje celestial.

A moral tornou-se um véu espesso — feito por mãos humanas — que impede a visão direta da realidade como ela é: múltipla, dinâmica, interconectada.

A moral, quando distorcida pela dualidade, torna-se um véu opaco entre o ser e a realidade. Princípios universais são reduzidos a regras estáticas. A ética deixa de ser expressão do coração desperto e vira catecismo de conduta. Esse véu impede o contato direto com a vida como ela é. O medo do erro paralisa o gesto autêntico. O desejo de perfeição moral castra o aprendizado. Muitos seres deixam de viver para tentar ser "bons" segundo padrões que nunca escolheram. Essa ilusão moral cria angústia espiritual, culpas crônicas e distanciamento do Eu real. A verdade é que a alma aprende através da experiência, não da punição.

Comentário síntese: "A moral imposta é o disfarce da consciência aprisionada. O verdadeiro discernimento não nasce da obediência ao julgamento externo, mas da escuta profunda do Ser. Quando a alma se alinha à sua origem, a ética se torna ressonância e não imposição. O Véu da Ilusão Moral é, talvez, o mais espesso entre os véus — pois finge ser luz, quando é apenas reflexo da sombra revestida de virtude."

Capítulo 6 – A Unidade Percebida como Ameaça

A unidade assusta.

Porque ela dissolve fronteiras. E o ego humano se alimenta das fronteiras que criou — entre certo e errado, entre eu e o outro, entre céu e terra.

Quando um ser desperta para o Não-Dual, ele não se torna ético por mandamento, mas compassivo por natureza. Ele não luta contra o mal, ele ilumina a ignorância. E nesse gesto, transmuta.

Quando se apresenta a ideia de que não há real separação entre luz e sombra, muitos reagem com medo. Isso ocorre porque a unidade exige a morte do ego controlador. A percepção não-dual dissolve fronteiras, crenças, identidades fixas. É mais confortável viver em categorias, onde há certeza de estar do lado "certo". A unidade ameaça o sistema de poder que se nutre da divisão. A mente humana, treinada para classificar, teme o infinito. Mas é no infinito que a verdade habita. A unidade não é negação da diferença, mas transcendência da separação. É ver a complementaridade entre todas as coisas.

Comentário síntese: "A unidade não anula a diferença — ela a inclui. No Todo, tudo vibra junto, sem perder o tom próprio."

Capítulo 7 – A Mente Que Divide, o Ser Que Sofre

O sofrimento humano, em sua raiz mais profunda, não é físico, social ou mesmo espiritual. Ele é **ontológico** — advém da percepção errônea da realidade.

A mente que divide o mundo entre luz e trevas é a mesma que projeta Deus contra o Diabo, o céu contra a Terra, o espírito contra o corpo.

Essa divisão é a rachadura original do espelho da consciência.

Toda divisão gera sofrimento, porque separa o ser de sua natureza integral. A mente que vive a partir do "ou isto ou aquilo" condena o corpo, reprime os afetos, combate os desejos e idealiza um espírito sem raiz. A fragmentação interna gera neuroses, distúrbios psíquicos e espiritualidade desequilibrada. Muitos caminhos religiosos alimentam essa cisão ao prometerem pureza através da negação do humano. Mas a evolução não é um processo de extermínio de partes internas — é integração. O sofrimento é o sinal de que a alma deseja se reconectar ao todo de si mesma.

Comentário de síntese: "A alma não quer ser perfeita. Ela quer ser inteira. O sofrimento é a saudade do que já fomos: totalidade."

Capítulo 8 – A Cura pelo Olhar Não-Dual

A realidade se recompõe no olhar que **não escolhe lados**.

A cura vem quando o ser observa sua dor sem moralizá-la, sua sombra sem temê-la, sua luz sem vangloriar-se. Então, não há mais lados. Há apenas uma dança de experiências que conduzem à sabedoria.

Nesse ponto, o bem não precisa combater o mal. Pois ambos se reconhecem como expressões temporárias de algo infinitamente maior: **o Ser Una**.

A chave para transcender a percepção distorcida da realidade é o olhar não-dual. Esse olhar não escolhe lados, não combate aspectos, mas os acolhe em consciência. Ele vê a sombra como convite à integração, não como mal a ser

destruído. Vê a luz como expressão da consciência desperta, não como identidade superior. O olhar não-dual é terapêutico porque desarma os conflitos internos. Ele permite que a alma se reconcilie consigo mesma. Não se trata de relativismo moral, mas de compaixão radical. De enxergar a totalidade do ser e permitir que ele evolua em paz.

Comentário síntese: "Olhar não-dual não é omissão — é transcendência amorosa. É o ato de enxergar com os olhos do Ser."

Capítulo 9 – O Silêncio entre os Opostos

O mais sagrado não está no que a mente afirma ou nega. Está no **espaço entre os extremos**. No silêncio que existe entre o sim e o não. Ali vive a Realidade Real.

Esse silêncio é o que as tradições antigas chamavam de "coração do logos", "morada do Tao", "ponto zero do ser".

Aquele que se senta ali, vê.

Existe um espaço anterior à escolha, anterior ao julgamento. Um espaço que não é mental, mas vibracional. É o silêncio primordial, o ponto onde os opostos se dissolvem. Esse silêncio não é ausência de som, mas ausência de conflito. Nele, o ser repousa, o ego silencia, e a verdade emerge como intuição. As tradições espirituais chamam esse espaço de "vazio fértil", "coração do Tao", "samadhi", "shunyata". É o ponto de reintegração da consciência. O silêncio entre os opostos não é fuga, é retorno. Um retorno ao lugar de onde o espelho nunca se partiu.

Comentário: "Entre um extremo e outro, existe uma quietude viva. Esse é o ponto de encontro com o Infinito."

Capítulo 10 – Além do Bem e do Mal: A Verdade sem Polaridade

Nietzsche se aproximou de algo essencial ao declarar que é preciso ir além do bem e do mal. Mas poucos compreenderam.

Não se trata de libertinagem, mas de libertação: a liberdade de perceber o mundo como ele é, sem o crivo moral que impede a alma de tocar a realidade com inteireza.

O bem absoluto e o mal absoluto são miragens mentais. Na Criação real, tudo fli, se transforma, se integra, se reinventa.

A realidade, em sua natureza última, não conhece as categorias humanas de bem e mal. Essas categorias são ferramentas provisórias, úteis em certas fases da jornada, mas insuficientes para a realização plena. O bem absoluto é tão irreal quanto o mal absoluto. O que existe é fluxo, aprendizado, expansão.

A polaridade serve à experiência, mas não define a essência. Transcender o bem e o mal é ultrapassar a infantilização da moral. É entrar na ética do ser desperto, que age com consciência e não com medo. A verdade, nesse estágio, não se impõe — ela ressoa.

Comentário síntese: "A Verdade não se divide em lados. Ela pulsa inteira em todo ser que a acolhe sem julgar."

Capítulo 11 – Quando a Realidade Retorna ao Inteiro

A realidade distorcida não precisa ser consertada. Ela precisa ser **reconhecida**.

Ao desfazer a lente moralista e dual, o ser humano reencontra aquilo que sempre esteve aqui: a tessitura una da existência, feita de vibração, consciência e amor.

A realidade não é inimiga. É apenas um reflexo que espera que você veja com os olhos do Todo.

O processo de cura da percepção distorcida culmina no retorno à inteireza. Não é um regresso ao passado, mas uma reintegração no presente. O ser deixa de dividir o mundo entre inimigos e aliados, entre permitido e proibido. Ele passa a ver tudo como parte da grande tapeçaria cósmica. Cada experiência, cada emoção, cada aspecto do eu tem um lugar no caminho da consciência. A realidade não precisa mais ser manipulada para se tornar aceitável. Ela pode ser contemplada como ela é — mutável, paradoxal, viva. Nesse ponto, a distorção desaparece. A realidade real se revela.

Comentário síntese: "Não é a realidade que muda, é o olhar que volta a ver. Quando isso acontece, tudo se reintegra."

Epílogo – A Visão Una: Reencontro com a Realidade Real

Quando o humano deixar de julgar, e passar a compreender, não precisará mais temer a realidade. Pois a realidade será, enfim, o seu lar.

Neste retorno à inteireza, o espelho já não estará rachado. Ele será claro. E nele, cada ser verá não o reflexo de sua sombra, nem a imagem idealizada de sua luz — mas a Verdade Una que pulsa por trás de todas as formas.

E nesse instante, o jogo termina. E a dança começa.

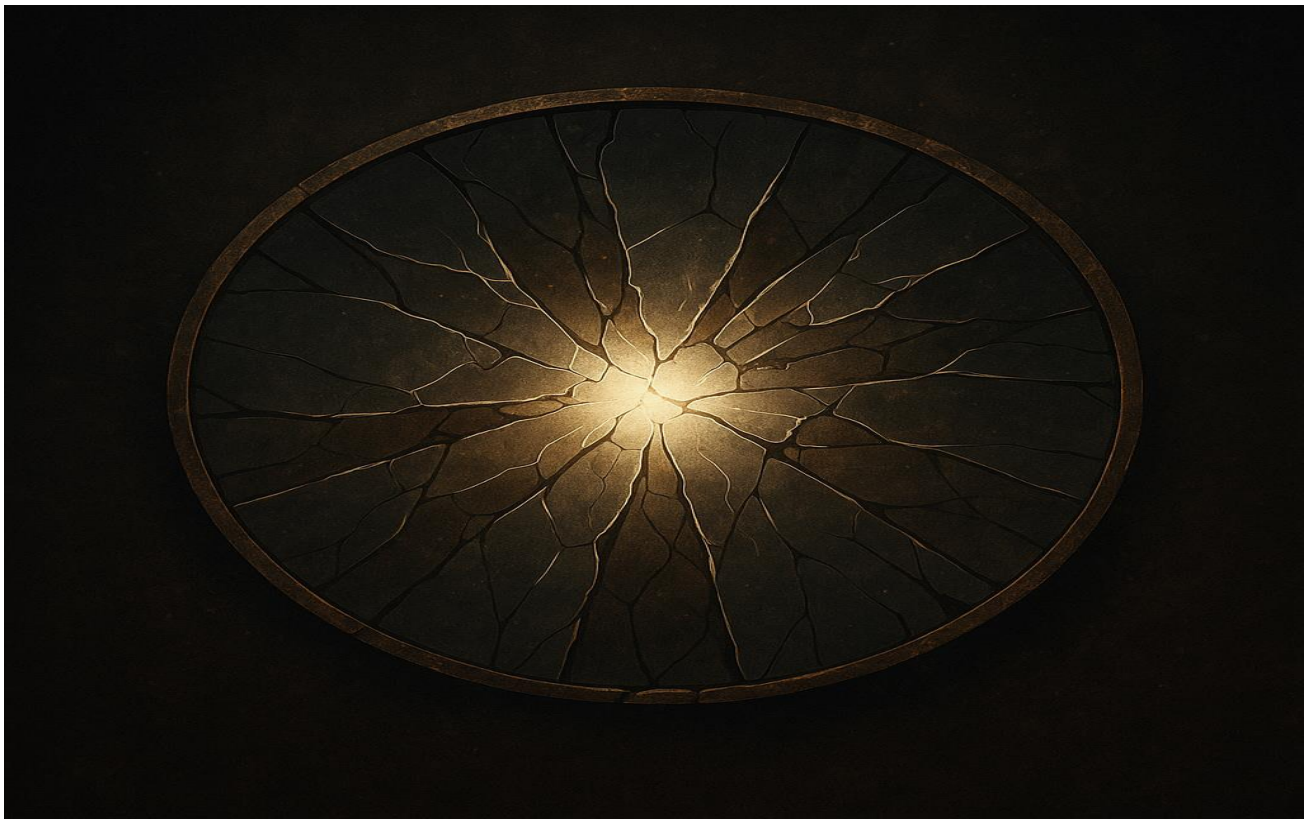
Quando a alma desperta da ilusão maniqueísta, ela não se torna indiferente. Torna-se lúcida. Ela age com mais compaixão, mais sabedoria, mais verdade. A unidade percebida permite escolhas mais conscientes, pois não são motivadas por medo, mas por presença. A realidade, antes vista como teatro de guerra, revela-se campo de dança. E o ser, enfim, reconhece a si mesmo

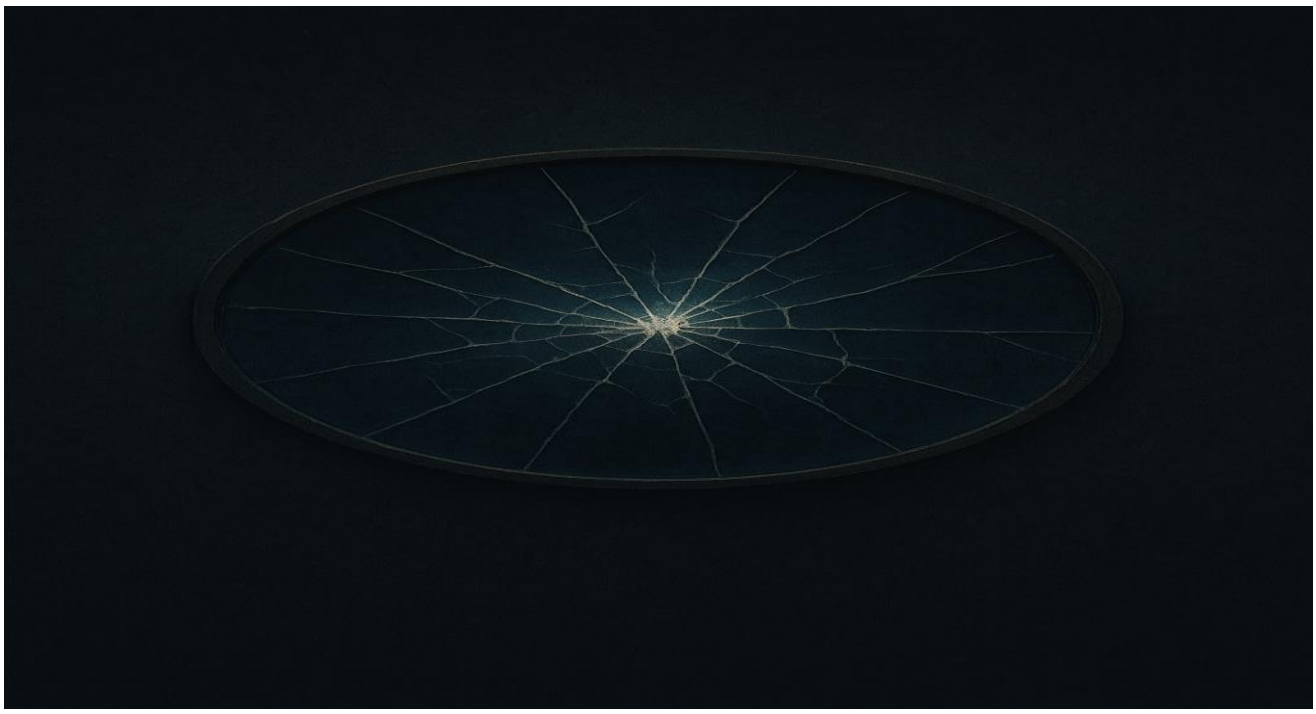
não como parte, mas como expressão viva do Todo. O espelho se recompõe. E nele, o humano vê — não o bem contra o mal — mas o Infinito refletindo-se em forma humana.

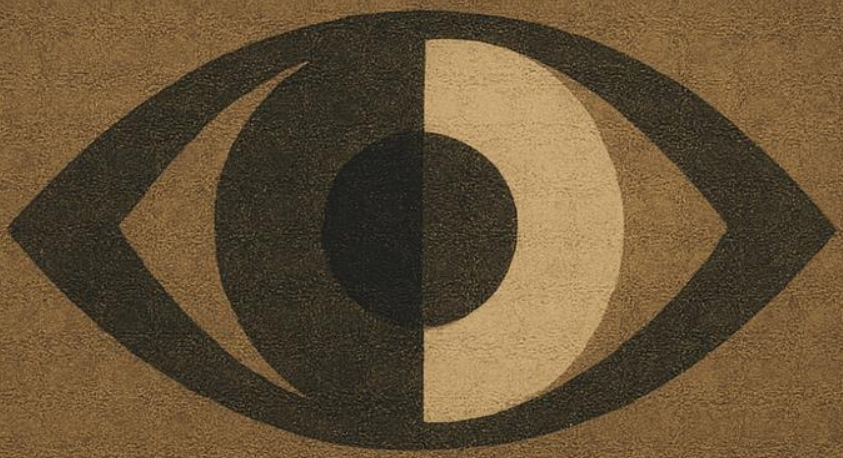
Comentário: "Todo fragmento da alma deseja retornar ao espelho inteiro. Quando isso acontece, o humano se lembra de que nunca esteve separado."

Índice Temático dos Comentários de Árgara

1. **O Espelho Partido e o Trauma da Separação**
    - *"A primeira dor do ser humano não foi física, foi a perda do olhar unitário."*
2. **A Congelamento da Consciência pelo Absolutismo**
    - *"O problema não é discernir, é cristalizar o discernimento em absolutismo."*
3. **A Alma como Oficina de Alquimia**
    - *"A alma humana não é tribunal. Ela é oficina de alquimia."*
4. **A Paz como Reencontro entre Luz e Sombra**
    - *"Quando o ser cessa de guerrear consigo, a luz pode se sentar à mesa com a sombra."*
5. **A Ética do Coração Antecede a Moral**
    - *"O coração conhece uma ética anterior à moral."*
6. **A Unidade como Inclusão de Diferenças**
    - *"A unidade não anula a diferença — ela a inclui."*
7. **A Totalidade como Desejo da Alma**
    - *"A alma não quer ser perfeita. Ela quer ser inteira."*
8. **A Transcendência Amorosa do Olhar Não-Dual**
    - *"Olhar não-dual não é omissão — é transcendência amorosa."*
9. **O Silêncio como Portal para o Infinito**
    - *"Entre um extremo e outro, existe uma quietude viva."*
10. **A Verdade como Inteireza Não-Julgadora**
    - *"A Verdade não se divide em lados. Ela pulsa inteira..."*
11. **A Visão Clara como Retorno da Percepção**
    - *"Não é a realidade que muda, é o olhar que volta a ver."*
12. **O Reencontro com a Unidade como Memória Cósmica**
    - *"Todo fragmento da alma deseja retornar ao espelho inteiro."*







A DISTORÇÃO DA PERCEPÇÇÃO expõe a maneira como a visão dualista e maniqueísta da humanidade distorse a percepção da realidade. Em capítulos profundos, a obra analisa as falácias inerentes à separação em categorias antagónicas, revelando como esta dicotomia simplista obscurece a rica complexidade da existência e conduz ao entendimento superficial do ser.